

DÍVIDA EXTERNA

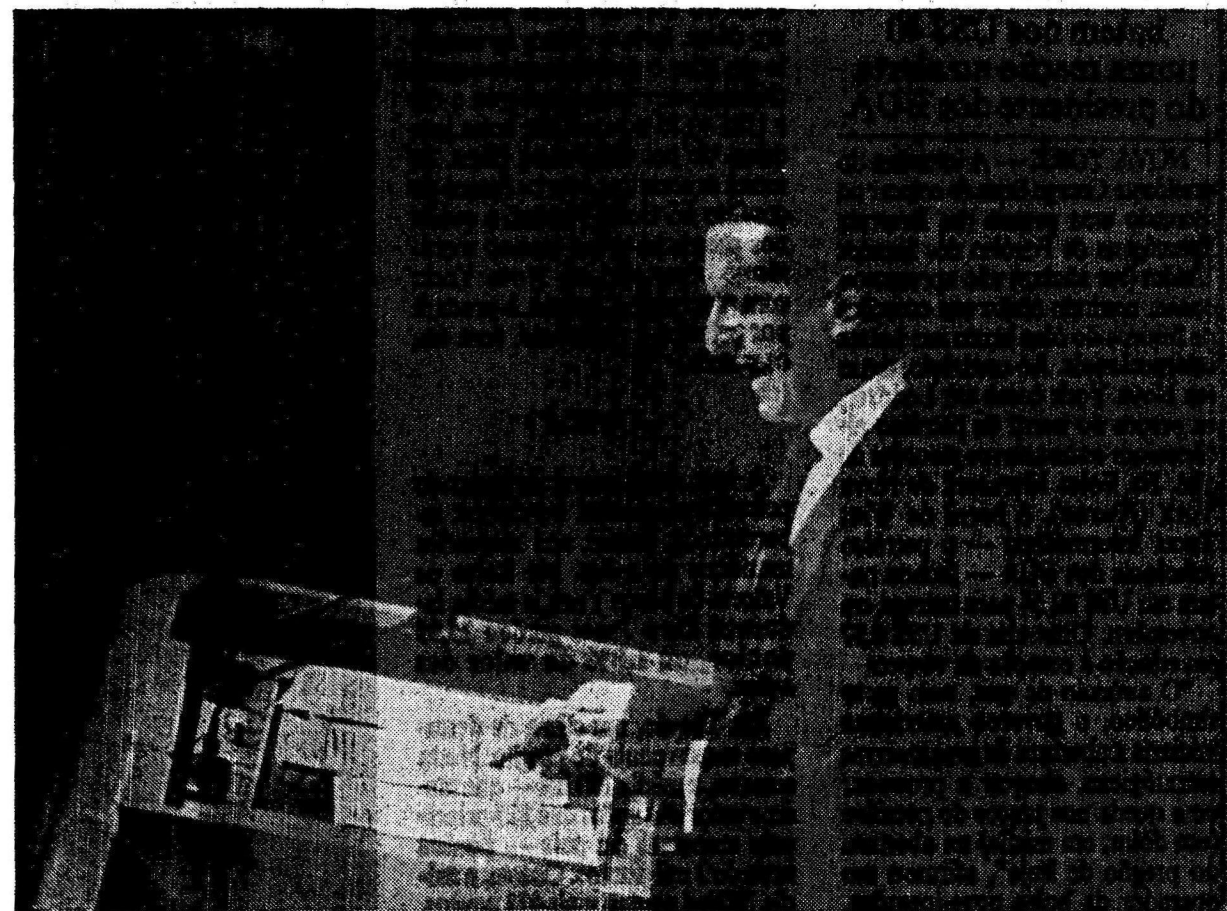
Crescer é prioridade, reafirma Collor

Para o presidente, o saneamento da economia vem antes dos acordos finais com credores

NOVA YORK — Em discurso para os integrantes do Conselho de Relações Exteriores de Chicago (Chicago Council on Foreign Relations), durante jantar, ontem, o presidente Fernando Collor disse que as cifras da dívida externa brasileira são de uma tal magnitude que "nem mesmo as economias dos países industrializados poderiam resistir a uma drenagem prolongada de recursos nessas proporções". A dívida brasileira já está em torno de US\$ 115 bilhões.

Em seguida, Collor especificou os critérios de seu governo para o pagamento dessa dívida: "Cumpriremos os compromissos assumidos, mas daremos prioridade à inadiável retomada do crescimento econômico do Brasil". O discurso — o mais incisivo em relação à dívida nesta viagem de Collor aos Estados Unidos — foi feito para uma platéia de cerca de 400 pessoas, entre elas os maiores banqueiros e empresários de Chicago.

Collor também disse que a questão de iniciar o saneamento da economia interna antes de fazer contatos mais conclusivos com os credores e organismos financeiros internacionais. "Presávamos recuperar a estabilidade e o clima de confiança para só então começar conversações equilibradas e construtivas", explicou no discurso, em que fez um balanço das atitudes que vem adotando para modernizar o País:



Collor: "Cumpriremos os compromissos, mas daremos prioridade à retomada do crescimento econômico"

"O Brasil vive um momento decisivo na História de sua modernização, com profundas transformações na ordem interna e de nossa inserção no cenário internacional", declarou o presidente.

Na mesma linha de seus discursos anteriores nesta viagem, ele falou sobre meioambiente, índios, redemocratização interna e externa. Fez também uma proclamação de fé no capitalismo, ao se dizer "fortemente avesso" aos modelos que "procuram subjugar os particularismos e o direito dos indivíduos e das comunidades de serem diferentes".

Nas 42 mesas espalhadas pelo Grand Ball Room, no 7º andar do tradicional hotel Continental, havia, por exemplo, repre-

sentantes do First Chicago Bank, da firma Amoco Oil Corporation e do corpo diplomático sediado em Chicago. O jantar foi uma homenagem do conselho ao presidente brasileiro, que depois do discurso também respondeu perguntas. À mesa principal, Collor foi ladeado pelo presidente do conselho, John E. Rielly, e pelo casal Elmer Johnson, da empresa de advocacia Kirk Land Ellis. Também estavam presentes John Jones, da empresa CEI, e Augustin Hart, da M. J. Goldplatt.

A essa platéia seleta — onde faltava o prefeito de Chicago, Richard Dalli, que só mandou representante — Collor admitiu que "o amplo trabalho de transformação da realidade brasileira ain-

da não tem sido capaz de acabar com os índices de miséria. O Brasil tem um dos piores perfis de distribuição de renda no mundo, um quadro humano absurdo e inaceitável".

O presidente defendeu então um melhor quadro de salários e insistiu que o caminho adotado é o de dedicar ao Estado áreas como saúde e educação e abrir cada vez mais espaço das outras áreas à iniciativa privada. Lembrou ainda seu empenho na abertura do País ao capital estrangeiro e insistiu na necessidade de acesso à chamada "tecnologia limpa" (computadores, química fina, fármacos) para o Brasil. Os Estados Unidos, por exemplo, colocam dificuldades nesse acesso às vezes.